

FRAGMENTOS DE HISTÓRIA

Gisele Gemmi Chiari*

RESUMO: *O artigo pretende discutir o conceito de história em três autores diferentes, a saber, dois pensadores frankfurtianos: Walter Benjamin e Adorno, além do poeta brasileiro Gonçalves Dias.*

A escolha dos três autores citados baseia-se em outro aspecto que consideramos neste texto, e, que de alguma forma os aproxima: o diálogo com o movimento romântico.

Enfim, procuramos denotar as divergências e paralelos em relação à história no pensamento desses autores privilegiando as implicações românticas de suas perspectivas.

ABSTRACT: *This paper intends to discuss the concept of history in three different writers. Two members of the Frankfurt School: Walter Benjamin and Adorno besides a Brazilian poet: Gonçalves Dias.*

The choice of these writers is based on another aspect that we consider in this paper and for some extent link them: their dialogue with the Romantic Movement.

We will try to indicate the divergences and parallel interests in the thought in relation to history of these writers, focusing the romantic implications of their perspectives.

PALAVRAS-CHAVE: *Walter Benjamin – Theodor W. Adorno – Gonçalves Dias.*

KEYWORDS: *Walter Benjamin – Theodor W. Adorno – Gonçalves Dias.*

*Minhas asas estão prontas para o vôo,
Se pudesse, eu retrocederia
Pois eu seria menos feliz
Se permanecesse imerso no tempo vivo*
Gerhard Scholem, Saudação do anjo

*Move incessante as asas incansáveis
O tempo fugitivo;
Atrás não volta*
A. de Gusmão

O presente artigo traça paralelos e denota divergências sobre o conceito de história em dois grandes pensadores do século XX, a saber, Walter Benjamin e Theodor Adorno.

Trata também da relação dos autores frankfurtianos com o movimento romântico, isto é, o diálogo que travaram com as idéias do século XVIII. As duas análises, porém, não serão feitas de maneira sistemática como a apresentação sugere porque, principalmente no pensamento crítico de Benjamin, as noções de história imbricam-se com outros conceitos importantes e que devem ser elucidados para uma melhor compreensão de sua ligação com os românticos, no entanto, o estudo não pretende filiar o filósofo alemão à escola romântica incondicionalmente.

Finalmente, com base nos conceitos de história e na observação das convergências entre os autores e o Romantismo, optou-se pela análise de um texto literário brasileiro que, aliás, se insere no período do Romantismo, ou melhor, o autor foi um dos poetas mais representativos desse movimento no Brasil. O texto escolhido foi "Meditação" de Gonçalves Dias cujo conteúdo temático permite uma discussão do conceito de história de que o fragmento está imbuído

A aproximação dos três autores pode parecer, num primeiro momento, incongruente, todavia, ao longo do estudo é possível perceber que ela pode ser profícua e instigante à medida que os paralelos e divergências vão sendo traçados.

É inegável a influência da escola romântica na produção intelectual de Walter Benjamin, sobretudo dos românticos de Iena. Alguns aspectos dessa relação são privilegiados, principalmente, a questão da linguagem

e da história, inclusive os dois tópicos não podem ser entendidos unilateralmente, há um vínculo entre essas idéias na obra dos autores românticos como no pensamento benjaminiano (SELIGMANN-SILVA, 1999).

É necessário advertir que a relação de Benjamin com os primeiros românticos não se limita a esses conceitos, a delimitação desses aspectos leva em conta apenas o objetivo desse estudo.

A tese de doutorado de Walter Benjamin escrita entre 1917 e 1919, a saber, *O Conceito de Crítica de Arte no Romantismo Alemão*, legitima a aproximação do frankfurtiano aos românticos, em especial de Schlegel e Novalis. A leitura de sua tese bem como de outras obras suas evidencia o diálogo com as idéias românticas estudadas pelo filósofo.

A sua obra como a dos românticos partilham uma concepção de linguagem similar. Para eles a linguagem humana teria perdido sua capacidade de totalidade, isto é, de trazer intrinsecamente a verdade dos objetos; Benjamin fala de uma linguagem adâmica, originária que tinha uma função nomeadora e que proporcionava um conhecimento total ao homem. Enquanto mero instrumento de comunicação, a linguagem pós-queda não abarca o objeto em sua totalidade, não exprime a verdade, pois ela é polissêmica, cifrada. Por outro lado, para o autor frankfurtiano, ela traz ainda as marcas dos objetos. Vale ressaltar um aspecto crucial dessa teoria da linguagem compartilhada por Benjamin e os românticos: a linguagem, mesmo após perder sua capacidade totalizadora, é conhecimento. Segundo Novalis, a palavra para os românticos é a essência do homem, portanto, a recuperação da língua originária resultaria numa reconstituição do conhecimento absoluto e do próprio homem. Os poetas e os filósofos são responsáveis por recolher os cacos dessa linguagem fragmentária e restituir a linguagem adâmica, a restauração completa dessa língua originária não acontece porém, o que eles conseguem é apenas trazer alguns lampejos dela.

Essa visão messiânica de linguagem articula-se intrinsecamente com a noção de história benjaminiana. Na obra do autor alemão a idéia de origem e *restitutio* é freqüente (GAGNEBIN, 2004, p.14), embora não implique uma volta efetiva e real ao passado.

A origem benjaminiana visa, portanto, mais que um projeto restaurativo ingênuo, ela é sim, uma retomada do passado, mas ao mesmo tempo – e porque o passado enquanto passado só pode voltar numa não identidade consigo mesmo – abertura sobre o futuro, inacabamento constitutivo (GAGNEBIN, 2004, p.

14).

Enfim, Linguagem e História enquanto *restitutio* na verdade não o são absolutamente; o passado lingual e factual devem ser rememorados e reconstituídos na redenção, deve-se preservar apenas o que importa para o presente. Vale lembrar que toda escrita (linguagem) propõe uma memória que tradicionalmente se esquece das vítimas; para Benjamin, a linguagem precisa ser outra para abarcar as vozes dos excluídos da história.

Na "Palestra sobre lírica e sociedade", Adorno discorre sobre a importância da linguagem para a expressão do indivíduo. Ele também a concebe como algo duplo enquanto expressão e negatividade do subjetivo.

Onde o eu se esquece na linguagem, ali ele está inteiramente presente; senão a linguagem, convertida em abracadabra sacralizado, sucumbiria à reificação, como ocorre no discurso comunicativo (ADORNO, 2003, p. 75).

Também para esse pensador a linguagem deve ser reinventada e, dessa forma, eximir-se-ia do caráter instrumental e reificado que assumiu. Deve-se levar em consideração essa observação sobretudo para a literatura.

O conceito romântico de reflexão seria a essência do ser, ou melhor, o próprio absoluto segundo a tese de Benjamin mencionada acima. "A reflexão constitui o absoluto e ela o constitui como um medium" (SELIGMANN-SILVA, 1999, p.43).

O sentido duplo da designação não acarreta neste caso nenhuma obscuridade. Pois, por um lado, a reflexão mesma é um medium – graças ao seu constante conectar; por outro lado, o medium em questão é tal que a reflexão move-se nele – pois essa como o absoluto, movimenta-se em si mesma (BENJAMIN, 2002, p. 43, nota de rodapé 61).

A reflexão caracteriza-se pela continuidade, a reflexão gera reflexão, há um movimento contínuo em si mesma. O pensamento romântico retomado de certa forma por W. Benjamin não é estanque, há como um círculo que se movimenta. O texto benjaminiano denota-se por sua *performatividade* não só se o contrastamos com a noção romântica de reflexão, mas também quando consideramos o conceito de "Witz" e, conseqüentemente, a primazia do fragmento como expressão mais efetiva de verdade – é necessário atentar para o fato de que a linguagem originária apresenta-se apenas fracionada. "Witz" pode ser

entendido como “aparição, o relâmpago externo da fantasia. Daí [...] a semelhança do “Witz” com a mística.” (BENJAMIN, 2002, p. 55). Enfim seria o momento do achado, da recuperação da linguagem totalizadora por um instante; o estilo fragmentário dos poetas-filósofos Novalis e Schlegel e de Benjamin baseia-se nesse pressuposto.

O pensamento adorniano privilegia o fragmento da mesma forma, porém não o faz pelos mesmos motivos que os românticos ou Benjamin. Adorno condena idéias de caráter teleológico, pois para ele a fragmentação deve ser primada em detrimento da linearidade visto que a tentativa do homem de abarcar totalmente o objeto é negativizada porque resulta em alienação e barbárie.

Meu filho, a verdadeira ciência não se colhe dos livros: ela vem com a meditação.

A meditação – essa filha do céu, que desce sobre o coração do solitário, tão silenciosa e docemente como orvalho noturno sobre o cálix de uma flor. (DIAS, 1988, p. 733).

Embora não fique claro neste trecho a relação de G. Dias com o conceito romântico que prima à reflexão, há, pelo menos, certa similaridade. Ademais, é interessante destacar que “Meditação” é um fragmento e narra diversas visões, aparições que um jovem experimenta por intermédio de um ancião.

O conceito de história em Gonçalves Dias, tomando como base seu texto em prosa de 1846, “Meditação”, e dois poemas dos *Últimos Cantos* como complementação – “Urge o Tempo” e “A História”- não é claramente definido. O autor oscila entre dois princípios que parecem contradizerem-se, ora o poeta inclina-se para uma visão de história cíclica e teleológica, ora, para um ponto de vista progressista.

Logo no início do fragmento “Meditação”, ele concebe a natureza como uma testemunha do refluxo do tempo, “E as árvores, que a sombreiam são robustas e frondosas – como se desde a criação presenciassem o **incessante volver dos séculos.**” (Grifos nossos, DIAS, 1998, p. 725); ou ainda quando define a o presente como reflexo do passado: “Eis a história! **Um espelho do passado,** / Folhas do livro eterno desdobradas/ Aos olhos dos mortais; - aqui sem mancha,/Além golfeja sangue e sua crimes./ **Tal foi, tal é ...**” (Grifos nossos. DIAS, 1998, p. 441).

Na citação que faremos a seguir do texto gonçalvino, todavia, fica clara a influência de Herder que “recorre à clássica analogia entre o desenvolvimento do espírito nacional e as fases do crescimento

biológico.” (ROCHA *in* JOBIM [org.], 1999, p. 48)

‘Porque eles sabem que as nações formam-se, progridem, e decaem com o mesmo movimento que talvez se pudesse marcar por uma como dinâmica e terapêutica social. (DIAS, 1998, p. 729)

Segundo o pensamento organicista de Herder, que coaduna contribuições de Hamann e da *Scienza Nuova* de Vico, a singularidade de cada povo, que depende de fatores como clima, geografia e etnia, determina o seu crescimento vegetativo. Em “Urge o Tempo” de Gonçalves Dias: “Quem vive, o que vegeta, vai tomando/ Aspectos novos, nova forma, enquanto/ Gira no espaço e se equilibra a Terra” (DIAS, 1998, p. 419).

As “metáforas vegetais” são recorrentes na obra de G. Dias, somente no texto em questão podemos encontrar algumas delas, por exemplo: “ E eu que fiz? Vegetei como a palmeira do deserto, cuja copa não abriga o viajor fatigado cujo tronco não ampara a vergôntea do arbusto semimorto que lambe a terra com as folhas amarelas.” (DIAS, 1998, p. 732)

O que chamamos de “metáforas vegetais” articula-se com a preocupação romântica – e do Segundo Império brasileiro - de ressaltar a singularidade da natureza do país, enfim, essa prática cooperou para o projeto de formação do caráter nacional. Tal preocupação não se dissocia das idéias de Herder que relaciona o crescimento das nações com as peculiaridades inerentes de cada uma. Noutro excerto do fragmento gonçalvino, o maranhense compara a nação a um feto que cresce sob a influência do “sol dos trópicos” (DIAS, 1998, p. 729), o que colabora com nossa proposição.

Assim como percebemos uma inspiração de caráter evolucionista no fragmento de G. Dias e no seu poema “Urge o Tempo”, há por outro lado, um cunho profetizante em seus escritos. Essa característica presente tanto nos *Primeiros Cantos* como em “Meditação” foi denotada por Alfredo Bosi em seu estudo sobre o indianismo alencariano.. (BOSI, 1992, p. 176) Ele observa que o desastre iminente que figura na obra de Dias teria como modelo o Apocalipse bíblico. Atentemos para o excerto gonçalvino a seguir: “Os homens, que sofriam, reuniram-se como um só homem, e soltaram um grito horrísono, como seria o desabar dos mundos” (DIAS, 1998, p. 730).

Noutro estudo de Bosi destacamos a observação que ele faz sobre os

discursos profetizantes, o que para o nosso trabalho é relevante, tanto para refletirmos a obra de Gonçalves Dias como a de Walter Benjamin:

... toda visão profética é a crença de que o processo histórico não se faz por um mero agregado de eventos casuais. No horizonte do profeta, a história seria dotada de um telos, uma direção, um sentido final, que, por sua vez, tende a ser totalizante. (BOSI, 2002, p. 57).

Como alertamos anteriormente a história para o poeta romântico em questão é concebida em alguns escritos como cíclica, eterno retorno; essa visão dialoga justamente com o que ressaltamos acima, isto é, com os mitos escatológicos cristãos.

Parece haver em certa medida uma tênue aproximação entre Benjamin e Dias neste ponto. Esclareçamos: os dois dialogam com tradições religiosas de cunho escatológico e messiânico.

Todavia, a diferença de tais concepções é muito maior que a convergência entre elas, embora haja em ambos, e até mesmo em Adorno, uma idéia recorrente: a catástrofe. Por outro lado, as idéias sobre a causa e as conseqüências da catástrofe, assim como a possibilidade ou não de prevenção não são compartilhadas pelos autores do presente estudo.

Em Benjamin como em Adorno temos que a história em si, como tem sido pensada, é uma catástrofe que privilegia vencedores em detrimento dos vencidos; essa noção vincula-se à influência do marxismo sobre os dois pensadores. Vale lembrar que ambos discordam do pensamento marxista em alguns pontos; Adorno critica principalmente o caráter teleológico da teoria, Benjamin diverge, sobretudo, do caráter progressista que é dado à história.

W. Benjamin propõe uma ressurreição dos mortos e vencidos, enfim uma nova história. Resumidamente e talvez levemente, podemos sintetizar essa idéia como um Messianismo via ação, revolução.

O fragmento de Dias, contrariamente, negativiza a revolução como apenas a expressão do interesse de uma elite (DIAS, 1998, pp. 753-755).

Adorno é muito mais cético e prioriza o papel da arte (arte experimental) para uma **possível** redenção da sociedade, ou melhor, através do objeto artístico conseguiríamos libertar-nos da alienação. "A arte é uma historiografia inconsciente da sociedade" (ADORNO, 2003, p. 103). O pensador alemão desconfia da *práxis*, da intervenção revolucionária, razão pela qual foi condenado pela esquerda quando

criticou os movimentos estudantis alemães. Ademais, para o frankfurtiano, há na contemporaneidade um congelamento do processo histórico que seria apenas uma retomada mecânica do já estabelecido.

Parece haver tanto no pensamento adorniano como no texto de Gonçalves Dias desconfiança em relação à capacidade de mudança por parte da massa, deixemos claro, porém que a razão que os leva a duvidar da práxis não são coincidentes. O maranhense não baseia seu pensamento filosoficamente, aliás, o seu texto, neste sentido, tem um ranço tradicionalista.

Os textos gonçalvinos concebem a possibilidade de catástrofe como uma idéia de castigo divino o que reafirma o pressuposto de Alfredo Bosi que citamos anteriormente.

*E viu Deus que a nação conquistadora se tinha pervertido, e marcou-lhe o último período de sua grandeza.
E deu-lhe uma longa série de anos para que ela lastimasse a sua decadência, e conhecesse a justiça inexorável do Todo-poderoso. (DIAS, 1998, p. 744).*

Enfim, enquanto Adorno e Benjamin compartilham a crítica ao progressismo pelo seu caráter alienante, Gonçalves Dias não desconfia do progresso como os outros dois. Para que o futuro seja promissor para este autor deve-se atentar para certos preceitos de caráter cristão. O telos profético dependeria de uma "determinação condicional na contingência" (BOSI, 2002, p. 57).

Nos três autores estudados no presente trabalho, todavia, vislumbra-se um horizonte catastrófico, contudo, como pontuamos anteriormente, as razões para levá-los a essa mesma perspectiva diferem-se. Para Adorno e Benjamin a catástrofe não é futura como no caso de Dias. Para o autor maranhense, justamente por sua concepção progressista e profetizante de história, o desastre acontecerá se os homens não mudarem suas atitudes mesquinhas e continuarem indiferentes às idéias cristãs. Adorno, além de negar uma possível redenção seja via práxis, seja via reflexão filosófica, vê no presente pós-Auschwitz uma sociedade sem perspectivas, alienada pelo progresso tecnologizante que abarca todas as instâncias sociais, inclusive a linguagem. Benjamin, por outro lado, embora condene a sociedade contemporânea como Adorno, admite uma possibilidade de mudança via práxis. Nesse sentido, ele está muito mais próximo do marxismo.

Enfim, aqueles que se baseiam numa teleologia são menos céticos em relação à história e ao homem. No entanto, as observações adornianas

em relação à compreensão totalizante da reificação por conta de uma credibilidade massificante no progresso parecem abarcar a realidade contemporânea de maneira sagaz, e, ao mesmo tempo, acre. Resta saber, se essa perspectiva não é excessivamente aterradora. Benjamin e Dias, por outro lado, não atenuariam, com sua ideologia, a aflição, restringindo, dessa forma, a possibilidade de mudança?

* Mestranda em Literatura Brasileira pela Universidade de São Paulo. Professor Orientador: Cilaine Alves Cunha.

BIBLIOGRAFIA

ADORNO, Theodor W., **Notas de Literatura I**, Tradução e apresentação de Jorge M. B.de Almeida, São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2003.

_____, **Palavras e Sinais: Modelos críticos 2**, Tradução Maria Helena Ruschel, Petrópolis:Vozes, 1995.

BENJAMIN, Walter. "Magia e Técnica, Arte e Política: Ensaio sobre Literatura e História da Cultura" *In: Obras Escolhidas*, v. 1 Tradução Sergio Paulo Rouanet, 7ª. ed., São Paulo: Brasiliense, 1994 ()

_____. **O Conceito de Crítica de Arte no Romantismo Alemão**, Tradução Márcio Seligma-Silva, 3ª. Ed., São Paulo: Iluminuras, 2002.

BOSI, Alfredo. "Um mito sacrificial: O indianismo de Alencar" *In: Dialética da Colonização*, São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

_____. "Vieira e o Reino deste Mundo" *In: Literatura e Resistência*, São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

DIAS, Gonçalves. **Gonçalves Dias: poesia e prosa completas**, Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1998.

DUARTE, Rodrigo. *Adorno & Horkheimer: A Dialética do Esclarecimento*. Rio de Janeiro: Jorge 2002.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **História e Narração em Walter Benjamin**, 2ª. ed., São Paulo: Perspectiva, 2004.

KOTHE, Flávio René. **Benjamin & Adorno: Confrontos**, São Paulo: Editora Ática, 1978.

LÖWY, Michael. **Walter Benjamin: aviso de incêndio: uma leitura das teses "Sobre o conceito de história"**, Tradução Wanda Nogueira Caldeira Brant, São Paulo: Boitempo, 2005.

POULANTZAS, Nicos. "Marx e Engels" *In: CHÂTELET François (Dir.) A*

Filosofia e a História (1780-1880), Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1983, pp. 265-268.

ROCHA, João Cezar de Castro. "História" In: JOBIM, José Luís (Org.). **Introdução ao Romantismo**, Rio de Janeiro: EDUERJ, 1999.

ROSENFELD, Anatol (Introdução e Notas). **Autores Pré-Românticos Alemães**. São Paulo: EPU, 1991.

SELIGMANN-SILVA. **Ler o Livro do Mundo - Walter Benjamin: Romantismo e Crítica Literária**, São Paulo: FAPESP & Iluminuras, 1999.